



Discursos da extrema direita e apontamentos para reforçar uma comunicação política democrática

Oriana de Nadai Fulaneti

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

orcid.org/0000-0001-5959-7292

Davi Jefferson Araújo da Silva

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

orcid.org/0009-0009-1186-633X

Nas últimas décadas, observa-se um crescimento de governantes e governados adeptos da extrema direita, fenômeno que tem sido associado à ameaça aos regimes democráticos. Nesse contexto, o presente artigo objetiva mostrar a configuração e o funcionamento de algumas estratégias discursivo-argumentativas presentes com frequência nos discursos da extrema direita, essencialmente a brasileira. O referencial teórico é a semiótica discursiva em sua abordagem greimasiana, com contribuições da sociosemiótica de Landowski (2014) e, em menor medida, da semiótica tensiva, de Zilberberg (2011). O *corpus* analisado foi extraído principalmente do material de campanha de Jair Bolsonaro no período eleitoral de 2022 e de entrevista concedida por Eduardo Bolsonaro, em 2025. Os resultados demonstram que o estudo de estratégias discursivo-argumentativas, além de contribuir para a compreensão do funcionamento dos discursos da extrema direita, também fornecem subsídios para a construção de uma comunicação que fortaleça a democracia.

Palavras-chave: Extrema direita. Estratégias discursivo-argumentativas. Semiótica discursiva.

Discursos de la extrema derecha y sugerencias para fortalecer la comunicación política democrática.

En las últimas décadas se observa un crecimiento de la adhesión a la extrema derecha entre gobernantes y ciudadanos, fenómeno asociado a amenazas para la democracia. Este artículo analiza estrategias discursivo-argumentativas presentes en discursos de la extrema derecha brasileña. El estudio se fundamenta en la semiótica discursiva greimasiana, con aportes de la sociosemiótica de Eric Landowski (2014) y, en menor medida, de la semiótica tensiva de Claude Zilberberg (2011). El *corpus* incluye materiales de campaña de Jair Bolsonaro en las elecciones de 2022 y una entrevista de Eduardo Bolsonaro en 2025. Los resultados muestran que el análisis de estas estrategias permite comprender mejor la construcción y circulación de los discursos de extrema derecha y ofrece herramientas analíticas que pueden contribuir al fortalecimiento de la comunicación democrática.

Palabras clave: Extrema derecha. Estrategias discursivo-argumentativas. Semiótica discursiva.

Speeches from the far right and suggestions for strengthening democratic political communication.

In recent decades, there has been a growing support for the far right among both government officials and citizens, a phenomenon associated with threats to democracy. This article analyzes discursive and argumentative strategies present in the discourses of the Brazilian far right. The study is grounded in Greimasian discourse semiotics, with contributions from Eric Landowski's sociosemiotics (2014) and, to a

lesser extent, Claude Zilberberg's tensive semiotics (2011). The *corpus* includes campaign materials from Jair Bolsonaro's 2022 elections and an interview with Eduardo Bolsonaro in 2025. The results show that analyzing these strategies allows for a better understanding of the construction and circulation of far-right discourses and offers analytical tools that can contribute to strengthening democratic communication.

Keywords: Far right. Discursive-argumentative strategies. Discursive semiotics.

Introdução

Tomaremos por base para situar nosso ponto de partida resultados de algumas pesquisas em Discurso Político e Ciência Política (Cruz; Kaysel; Kodas, 2015; Levitsky; Ziblatt, 2018; Landowski, 2020), os quais se tornaram praticamente um consenso entre os estudiosos do tema. A primeira cena dessa conjuntura que trazemos à baila consiste no crescimento de políticos, governantes e governados da direita e da extrema direita nas últimas décadas, fenômeno considerado uma ameaça às democracias. Passando à segunda cena, podemos observar o aumento da polarização e dos discursos de ódio ao adversário (ou seria inimigo?). Na terceira e última imagem, vemos a expansão de líderes populistas de direita. Enquanto estudiosos do discurso e semioticistas, não é nosso objetivo discutir detalhadamente esse contexto ou seus conceitos. Dessa forma, assumimos a perspectiva de Landowski (2020) com relação à compreensão do populismo de direita:

Da Grã-Bretanha à Itália, da Hungria à França ou à Holanda, do Brasil aos Estados Unidos, praticamente todos os países ocidentais foram afetados nestes últimos anos, em graus variados, pela “onda populista”. Sem discutir a exatidão ou a impropriedade deste termo do ponto de vista da teoria política, o tomamos aqui tal como o encontramos hoje em circulação: como uma etiqueta aplicada a diversas correntes de forte teor nacionalista que têm em comum se apresentar como defensores dos interesses do “povo” (subentendido, exclusivamente aquele do próprio país) e, com esse fim, preconizam ou tomam medidas que não somente vão contra os princípios democráticos mas, também, ameaçam o equilíbrio das relações internacionais (Landowski, 2020, p. 16-17).

Nosso objetivo é mostrar a configuração e o funcionamento de estratégias discursivo-argumentativas que fundam os discursos da extrema direita populista, sobretudo a brasileira e, a partir delas, refletir sobre estratégias de construção de discursos que reforcem a democracia.

Após leitura e análise prévia do material coligido por nós, foram identificadas as seguintes estratégias mais constantes: a sacralização da política, proposta por Fiorin (2013, 2024); a configuração discursiva baseada em preconceito e intolerância

(Barros, 2013, 2024) e o uso de desinformação e *fake news* (Barros, 2019, 2021, 2024; Demuru, 2024). A perspectiva teórica adotada por nós e pelos autores retomados é a Semiótica Discursiva em sua vertente greimasiana (Greimas, 2014, 2016), além de algumas contribuições da Sociossemiótica, de Landowski (2014), e da Semiótica Tensiva, de Zilberberg (2011).

O corpus selecionado constitui-se de pronunciamentos em comício e em *lives* do então candidato à presidência Jair Bolsonaro ao longo da campanha de 2022, de uma *fake news*, também da campanha de 2022, e parte de uma entrevista concedida pelo deputado Eduardo Bolsonaro ao portal de notícias BBC News Brasil, no dia 13/8/2025, todos disponibilizados na internet.

Dois critérios principais orientaram a seleção do material analisado. Em primeiro lugar, considerou-se que discursos produzidos e veiculados em período eleitoral tendem a evidenciar suas estratégias enunciativas e perspectivas ideológicas. Ademais, foram selecionados os excertos mais representativos das operações objeto da análise.

Após esta introdução, o artigo se divide em duas seções. Na seção 1, exporemos cada uma das três estratégias discursivo-argumentativas encontradas com mais frequência, juntamente com suas bases teóricas (quando se fizer necessário) e a análise correspondente. Dessa forma, na seção 1.1, trataremos sobre a sacralização da política; na seção 1.2, sobre intolerância e preconceito; na seção 1.3, sobre desinformação e *fake news*. Na seção 2, teceremos algumas reflexões acerca de como podemos, a partir das estratégias verificadas, elaborar estratégias discursivo-argumentativas voltadas para o fortalecimento da democracia. Por fim, apresentaremos nossas conclusões, estabelecendo uma síntese das discussões empreendidas ao longo do trabalho.

1 Estratégias discursivo-argumentativas da extrema direita

1.1 A sacralização da política

Seguindo a ordem de discussão apresentada acima, passamos a abordar uma das principais estratégias discursivo-argumentativas presente no discurso da

extrema direita: consiste no que Fiorin (2013)¹ chama de sacralização da política. Segundo o autor, a sacralização do discurso político ocorre quando os campos político e religioso estabelecem relações estreitas, resultando em um discurso político com muitas características e conceitos do discurso religioso. Embora o texto do semiótico brasileiro tenha mais de uma década de existência, sua temática tem se tornado cada vez mais atual e foi recentemente discutida no filme *Apocalipse nos Trópicos* (2024), de Petra Costa.

O autor adota o conceito de campo discursivo empregado por Maingueneau (2005), que seria o conjunto de discursos que ocupam a mesma função social, mas divergem no modo de preenchê-la. Assim, teríamos o campo científico, o campo econômico, o campo religioso, o campo político etc., cada um com a presença de diversas formações discursivas distintas. A constituição e aproximação dos campos discursivos varia de acordo com a sociedade e o momento histórico.

Para definir a interseção entre o discurso político e religioso, Fiorin (2013, p. 23-26) disserta inicialmente sobre as características de cada um dos campos separadamente. Para o autor, de um modo geral, o discurso religioso funda-se em um discurso da totalidade, uma vez que pretende explicar questões universais, como o sentido da vida, o surgimento do universo, a constituição da consciência, entre outros. Por explicar a universalidade, corresponde a um discurso da verdade universal, válido para todos os tempos e para todos os lugares. Sua verdade, a qual se adere pela fé, origina-se de uma instância transcendente. O enunciador destinador pode ser a própria transcendência (Deus) ou um representante dela (um padre, um pastor). A oposição semântica de base desse discurso é representada pelo bem versus mal e, ao apresentá-la, esse destinador estabelece um dever-fazer e um dever-ser, propondo uma ética. O discurso religioso é um discurso único, com valores de absoluto, que opera por um procedimento de triagem, isto é, de separação daquilo que é o bem e daquilo que representa o mal, com a exclusão deste. Estamos diante de um discurso fechado, que praticamente não estabelece diálogos com outros, concentrado em si e nos seus próprios valores, características que o tornam da ordem da intensidade.

¹ Fiorin (2013) consiste em um texto dedicado exclusivamente à sacralização da política. Em Fiorin (2024), o autor menciona, de forma rápida, a aproximação entre política e religião nos discursos, sem empregar a expressão sacralização da política.

Diante disso, é válido dizer que, a partir do quadro da Semiótica Tensiva, a intensidade, ou o sensível, possui a primazia, de modo que a afetividade rege o inteligível, ou a extensidade. Da união dessas duas dimensões resulta a noção de espaço tensivo, “uma representação espacial cômoda dos estados e acontecimentos que surgem no campo de presença” (Zilberberg, 2011, p. 253). A dimensão da intensidade tem os termos *impactante versus fraco* no intervalo de referência. Por sua vez, a dimensão da extensidade tem os termos *concentrado versus difuso* (ou *puro versus impuro*) no intervalo de referência, sendo a sua sintaxe operada por *triagem e mistura* (Zilberberg, 2004). Desse modo, “[...] a participação [mistura] governa o regime dos valores de universo e a exclusão [triagem], o dos valores de absoluto” (Zilberberg, 2004, p. 49-50). O discurso religioso, portanto, opera por *triagem*.

Com relação ao discurso político, Fiorin (2013, p. 23-26) afirma que, como a política está associada à conquista e manutenção do poder nas mais variadas esferas, seja nas instâncias governamentais ou no cotidiano, esse discurso é histórico, sofrendo alterações de acordo com o tempo e o lugar; sua verdade é conjuntural, parcial e a adesão ocorre pela crença e pelo saber, considerando o conhecimento que o destinador possui dos problemas daquela localidade e suas propostas de mudança. O destinador enunciador do discurso político possui um duplo estatuto, característica que o torna bastante específico, pois ele é ao mesmo tempo destinador e destinatário de um destinador social (a nação, o partido, o povo), uma vez que o enunciatário-destinatário atribui-lhe um poder-fazer ou um poder-ser. O discurso político, em contextos democráticos, é um discurso plural, um entre outros, sendo vitorioso o melhor projeto de poder em concorrência. Trata-se de um discurso que dialoga com outros, um discurso do preferível, não do certo, que não é regido por um único valor e tem por princípio a participação. Sendo assim, o discurso político opera por *mistura*.

Avançando em seu argumento, o linguista assevera que a sacralização da política ocorre quando:

- a) uma entidade, como a pátria, a raça, a revolução, o proletariado, torna-se absoluta, dando significado à história, estabelecendo uma ética que divide o mundo em dois campos, o do bem e o do mal; b) estabelece-se o culto a um chefe que personifica a entidade mencionada; c) instaura-se uma operação de absolutização, pela qual o discurso almeja abarcar a totalidade da realidade e pretende a exclusividade; d) o operador do discurso é a triagem e os valores que nele circulam são valores de absoluto (Fiorin, 2013, p. 32).

Verifica-se que, com o processo de sacralização, o discurso político perde seus traços de parcialidade, de um entre muitos, de mistura e de valores de universo, ganhando características anteriormente (e geralmente) atribuídas ao discurso religioso – a universalidade, os valores de absoluto, a incorporação da disputa do bem contra o mal.

Observemos, agora, três trechos de discursos proferidos por Jair Bolsonaro em comícios eleitorais durante a campanha presidencial de 2022. Os dois primeiros são do comício realizado em Axixá do Tocantins (TO), no dia 9/9/2022. Já a terceira passagem é parte do discurso realizado pelo então candidato do PL no comício de Juiz de Fora, em 16/8/2022, momento de inauguração de sua campanha:

1) Obrigado, Deus, pela minha segunda vida. Obrigado, Deus, pela missão que me deu em ser chefe do Executivo dessa grande nação. Se essa for a vontade dele, tenho certeza que juntos caminharemos para a prosperidade (10'11-11'28, Bolsonaro discursa no Bico do Papagaio, em Axixá do Tocantins, 10/9/2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ieP86pOKolo&list=PLTrAV2ozTOazORZu4AFysQCjfMNEvKle2&index=404>. Acesso em 25 ago. 2025.

2) Nós somos escravos das nossas decisões. Vizinhos nossos como a Venezuela e a Argentina escolheram errado os seus representantes. Sofrem muito agora. Nós não podemos errar. Sabemos que é uma luta do bem contra o mal. (1'39-2'10, Bolsonaro discursa no Bico do Papagaio, em Axixá do Tocantins. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ieP86pOKolo&list=PLTrAV2ozTOazORZu4AFysQCjfMNEvKle2&index=404>. Acesso em 25 ago. 2025.

3) Vocês sabem, além das questões materiais que são importantes para nós aqui na Terra, vocês veem o esforço do governo em lutar para que a nossa inflação diminua, para que os preços dos combustíveis também caiam. Nós lutamos para dias melhores para vocês nessas questões econômicas. Agora nas questões espirituais somos um país majoritariamente cristão, um país onde majoritariamente acredita em Deus, um país que não quer o retrocesso, não quer a volta da ideologia de gênero nas escolas, um país que não quer liberar as drogas, um país que respeita a vida desde a sua concepção, um país que não quer se alinhar ao comunismo de outros locais do mundo, um país onde seu presidente e majoritariamente o seu povo defende a propriedade privada. Um país que prega, cada vez mais, a liberdade de crença do seu povo. Vamos falar de política hoje sim para que amanhã ninguém nos proíba de acreditar em Deus (4'40-6'16, Bolsonaro 22 inicia campanha na cidade que ganhou 'segunda vida' em 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bD4YQGdzAHQ&list=PLTrAV2ozTOazORZu4AFysQCjfMNEvKle2&index=545>. Acesso em 25 ago. 2025.

Notamos, nos trechos de número um e de número dois, respectivamente o agradecimento do candidato por ser um “enviado de Deus” para governar o país e a afirmação de se tratar de uma luta do bem contra o mal. Não à toa Bolsonaro é conhecido por ser um “mito”. Por um lado, um homem comum, que usa camisetas de time de futebol, come comidas de rua, fala de forma íntima e informal e, às vezes, até vulgar, com o uso de palavrões. Por outro lado, um enviado de Deus. Esse jeito simples somado ao elemento “Messias” aproxima o eleitor, que se identifica com o lado simples do candidato e se contagia com o seu aspecto divino, sentindo-se parte dessa grande família de pessoas abençoadas por Deus. Aqui, podemos associar os elementos constitutivos do *slogan* de campanha: Deus, pátria, família, liberdade – uma família formada por patriotas cristãos, que vai livrar o povo do mal causado pelo inimigo. Como contestar o que vem de um enviado de Deus?

O discurso de Bolsonaro, como revelam o segundo e o terceiro trechos, tem como oposição de base o bem contra o mal, que surgem tematizados e figurativizados pelos dois grupos políticos rivais no segundo turno das eleições. No terceiro excerto, o que se verifica é a associação da chamada pauta de costumes – questões de gênero, discussões sobre o aborto, descriminalização das drogas etc. – a questões espirituais. Assim, o efeito de sentido que se tem não é a apresentação de propostas para serem discutidas, mas a reunião de diversos assuntos que se associam ao “lado de lá”, isto é, ao mal. A disputa política, ao opor o bem contra o mal, ganha contornos bélicos e, dessa forma, o outro se transforma em inimigo e deve ser aniquilado. Temos, portanto, um discurso de triagem, com valores de absoluto. Não é possível imaginar uma proposta que aceite encampar algo de outro grupo, não se vê as eleições como uma disputa meramente de projetos políticos.

Para encerrar a presente seção, remetemos mais uma vez a Fiorin:

A sacralização do discurso político é a negação da política [...]. O discurso político pressupõe um princípio de participação, cujo operador é a mistura. Assim, supõe-se a diversidade, a pluralidade, a discordância, a dissensão, o acordo, o diálogo. Acima de tudo, implica necessariamente a persuasão e rejeita qualquer dogma. O discurso político sacralizado não pretende ser um entre outros, mas tem a pretensão de ocupar todo o campo do discurso político (Fiorin, 2013, p. 36).

Nas últimas décadas, acreditamos que esteja havendo no Brasil – e na América Latina de modo geral – uma transformação dos campos discursivos religioso e político, os quais têm se aproximado, sobretudo se pensarmos na(s) formação(ões) discursiva(s) neopentecostais. Quando Bolsonaro afirma “Vamos falar de política

hoje sim, para que amanhã ninguém nos proíba de acreditar em Deus”, o candidato está misturando práticas políticas e religiosas ao convocar uma participação política que não separa crenças religiosas e convicções políticas. Por sua vez, Lula, em entrevista concedida à Petra Costa no documentário anteriormente mencionado, considera um grande erro do Socialismo ter deixado a religião de lado. Observamos, portanto, um deslocamento do discurso de Lula (e da esquerda em grande medida), que passam também, em alguma medida, a se pronunciar sobre religião. O desafio dos analistas do discurso e dos cidadãos em geral é distinguir o discurso político sobre o sagrado do discurso político sagrado.

1.2 Preconceito e intolerância

Uma segunda característica a ser observada nos discursos de extrema direita consiste em sua essência em grande medida preconceituosa e intolerante. A respeito do funcionamento discursivo do preconceito e da intolerância, recorreremos a Barros (2013; 2019; 2024). De acordo com a semioticista, os discursos preconceituosos caracterizam-se narrativamente pelo predomínio da sanção negativa, ou seja, da punição de sujeitos que são considerados maus cumpridores de contratos sociais. Assim, por exemplo, determinado grupo dominante acredita que a heterossexualidade é a única forma de sobrevivência da espécie, logo deve ser a única forma de sexualidade aceita. Nessa perspectiva, aqueles que não estiverem em consonância com o pacto heterossexual devem ser punidos. São também punidos os maus cumpridores dos contratos da branquitude, da pureza da língua, do nacionalismo, de uma crença religiosa etc.

A autora nos mostra que o desenvolvimento temático dos discursos preconceituosos se funda frequentemente na oposição entre identidade e alteridade. Trata-se de discursos que manifestam alto teor de passionalidade, com paixões malevolentes voltadas aos maus cumpridores de contratos sociais. Assim, os “outros”, aqueles que são “diferentes”, provocam medo e, por isso, merecem nossa antipatia, raiva, ódio etc. Um clássico exemplo consiste na xenofobia, tão presente em discursos da extrema direita, como o que vem acontecendo nos Estados Unidos sob o governo de Donald Trump. A imagem dos estrangeiros (leia-se, aqueles oriundos de países pobres) se constrói por meio da representação de vários males, razão pela qual devem ser banidos. De modo complementar, nutrem-se paixões

benevolentes pelos “iguais”, fazendo surgir o nacionalismo, a adoração de líderes, entre outros.

Observemos, a seguir, trechos do discurso de Marine Le Pen, candidata do *Rassemblement National* (RN), partido de extrema direita, à presidência da França em comício na cidade de Fréjus, em 13/9/2022, na ocasião do segundo turno das eleições presidenciais francesas de 2022; e trechos dos discursos de Jair Bolsonaro em *lives* semanais e em evento na cidade de Santos durante a campanha de 2022:

4) Não haverá lugar na França onde a lei não se aplique. Erradicaremos, meus amigos, dos bairros as gangues, as máfias e todos aqueles que, islâmicos ou não, queiram nos impor regras e modos de vida que não são nossos. Na França, os franceses têm o direito de viver como os franceses² (26’22-27’08, *Discours de Marine Le Pen à Fréjus*, 13/9/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KbvDa-sHATk>. Acesso em 26 ago. 2025, tradução nossa).

5) Foi a nossa equipe entregar o lote de terra. Eu não posso entregar porque estou no período, aí, eleitoral. Não fui dessa vez lá. E o nosso pessoal foi impedido por uns bandidos, ainda remanescentes, né, lideranças do MST. São pessoas que tem o comportamento de guerrilheiros ou terroristas (15’50-16’42, 16 de agosto: início oficial da campanha eleitoral no Brasil. *Live da semana*, 25/8/2022. Disponível em: https://www.facebook.com/search/top?q=jair%20messias%20bolsonaro&locale=pt_BR. Acesso em 26 ago. 2025).

6) Pergunte: tem quantos vereadores do PT nesse município? Se for zero, o município é bom. Não tem demagogia, não tem mentira, tem seriedade. Tem 3, 4, 5. Realmente... tem coisa errada naquele município. Tem mentira, tem descaso, tem ideologia de gênero, tem MST, tem tudo o que não presta (45’50-46’30, *Live Semanal*, 27/10/2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LUqkTU_FnSI&list=PLTrAV2ozTOazORZu4AFysQCjfMNEvKle2&index=89. Acesso em 26 ago. 2025).

7) Um ladrão que disputa a eleição. Tem uma ideologia. Não tem compromisso com a família. Não tem respeito com ninguém. Querem o poder pelo poder (7’50-8’10, *Discurso de Bolsonaro em Santos (SP)*, 28/9/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pFJyg2nVJow&list=PLTrAV2ozTOazORZu4AFysQCjfMNEvKle2&index=286>. Acesso em 06 set. 2025).

À semelhança de discursos de outros líderes políticos internacionais, a xenofobia ocupa um lugar central no discurso de Marine Le Pen, trecho de número

² *Il n’y aura pas d’endroit en France où la loi ne s’appliquera pas. Nous erradiquerons, mêts amis, des quartiers les bandes, les máfias et tous ceux qui, islamiste ou non, veulent nous imposer des règles et des modes de vie qui ne sont pas les nôtres. En France les français ont le droit de vivre comme des français.*

quatro. O pacto social, no caso, é o da “pureza do povo”. O alvo são estrangeiros de países africanos, sobretudo de predominância muçulmana. A candidata francesa associa esses estrangeiros a criminosos, terroristas, estupradores, bandidos, enfim, a uma imensa lista de atributos negativos; seu discurso afirma que essas pessoas expoliam os franceses de diversas formas, seja tirando o emprego dos nativos, gerando violência ou ameaçando a identidade nacional. A associação dos estrangeiros a essas características e atitudes cria uma imagem de um “outro” ameaçador, que deve ser temido e evitado, ou até mesmo, eliminado. Por sua vez, sendo o discurso nacionalista, as paixões benevolentes voltam-se para a “França gloriosa” e para o “maravilhoso povo francês”.

Os trechos cinco e seis encontram-se presentes, respectivamente, nas *lives* dos dias 25/8 e 27/10/2022, que Bolsonaro realizou via rede social *Facebook* no período de sua campanha eleitoral para a presidência da república, em 2022; a sétima passagem foi proferida pelo candidato em comício realizado na cidade de Santos, em 28/9/2022. Semelhante ao discurso de Marine Le Pen, podemos observar a presença de um “outro” ameaçador, que deve ser punido, extinto. No caso, esse “outro” é representado pelo grupo adversário político, que ganha *status* de inimigo, figurativizado por Lula, PT, MST, esquerda, associados a “tudo o que não presta”.

No discurso brasileiro, aquele que deve ser odiado encontra diversas atribuições semelhantes ao discurso francês, como ladrão, terrorista, vagabundo, que quer roubar a identidade nacional, entre outros. Ademais, os inimigos políticos são sempre acusados de demagogos, mentirosos, de espalharem a ideologia de gênero, incentivarem as drogas, não respeitarem a família etc. Em oposição a esse inimigo que deve ser odiado, surgem sujeitos e entidades a serem amados e/ou, em menor intensidade, admirados, respeitados, como “Deus”, “Bolsonaro”, a pátria e os cidadãos de bem.

A semelhança dos dois discursos encontra-se no fato de elegerem um pacto social dito nacionalista, de modo a tornar a disputa política uma guerra, devendo, portanto, eliminar o “outro” ameaçador. No caso do discurso de Marine Le Pen, o pacto social desejado é o da França habitada por franceses ou por estrangeiros que se comportem como franceses. Já no discurso de Bolsonaro, o pacto social prevê um “cidadão de bem”, cujas principais características são ser cristão, heterossexual, patriota, contra o aborto, contra a liberação das drogas e a favor da propriedade privada.

Dando prosseguimento aos estudos de discursos preconceituosos, Barros (2019; 2024) apresenta a segunda fase do percurso, a da intolerância. Nesse momento, o sujeito passa à ação. A sanção negativa do outro deixa de ser uma opinião generalizada e passa a ser um ataque direcionado. A autora remete a Greimas (1981) para falar das paixões da revolta e da vingança, geralmente desencadeadoras de gestos intolerantes. De acordo com o fundador da Semiótica Francesa, as paixões dividem-se em simples e complexas, respectivamente paixões de objeto e paixões intersubjetivas. Nas primeiras, o sujeito relaciona-se com um objeto, com o qual pretende estar conjunto ou disjunto. Como exemplo, podemos mencionar a economia, um sujeito que consegue juntar dinheiro para realizar algum desejo, ou a avarizia, um sujeito que acumula dinheiro por prazer. Nas paixões complexas, o sujeito crê que o objeto lhe será doado pelo destinador. Entretanto, trata-se de uma crença baseada apenas em expectativas, sem contrato prévio. Quando o contrato simulado for descumprido por um destinador, teremos a paixão da revolta; quando o descumprimento vier da parte do antissujeito, daquele que dificulta/impede a conjunção/disjunção pretendida, teremos a vingança. Por exemplo, um grupo de desempregados pode se revoltar com o governo ou querer se vingar do patrão.

Diferentemente do funcionamento de um Estado Democrático de Direito, quando os próprios poderes e instituições são responsáveis pela sanção dos “maus cumpridores de pactos sociais”, com o funcionamento de uma Justiça que se pretende neutra e, conseqüentemente, desapaixonada, no caso das paixões da revolta e principalmente da vingança, há uma busca em se fazer “justiça com as próprias mãos”, um modo apaixonado de agir politicamente.

A propagação de discursos reforçando a presença de sujeitos “do mal” e causadores de medo incentiva a prática da intolerância. A passagem de leitor para propagador de notícias preconceituosas configura-se em um gesto intolerante, assim como a participação em ações que agridam o “intolerado”, ou que visem à derrubada do Estado etc.

Ainda de acordo com a semioticista, quatro são os percursos temáticos mais presentes nos discursos intolerantes: animalização do outro; caráter doentio da diferença, “anormalidade” do diferente e imoralidade do outro. O primeiro tema pode ser observado em discursos racistas frequentemente incorporados pela extrema direita. O caráter doentio separa os sujeitos pela loucura, pela neurodivergência e pelas inúmeras outras diferenças que possam existir a partir da

saúde física ou mental. O discurso nazista, ao eleger a raça ariana como superior, prega ao mesmo tempo o racismo e a superioridade étnica de “um povo mais saudável”. Verifica-se o terceiro percurso temático no discurso homofóbico, aquele que afirma que o “normal” é ter “macho e fêmea” para garantir a propagação da espécie, por isso a heterossexualidade deve ser a única forma de sexualidade aceita. A homofobia está presente com uma certa frequência no discurso de Bolsonaro, quando o ex-presidente acusa seus adversários políticos de defenderem a “ideologia de gênero” ou de distribuírem “kit gay” nas escolas.

Dos quatro percursos temáticos elencados por Barros (2013; 2019; 2024), a “imoralidade” do outro surge de modo mais central nos discursos da extrema direita atual. Marine Le Pen e Trump enfatizam a imoralidade dos estrangeiros; Bolsonaro, por seu turno, foca nos inimigos políticos. Ao dividir o mundo entre o bem e o mal, o ex-presidente brasileiro elege-se defensor do bem e coloca o “outro” na posição do mal, do imoral.

Autores como Trindade (2022); Silva; Francisco; Sampaio (2021) afirmam que a polêmica, a lógica da seleção e da exclusão, assim como paixões malevolentes, principalmente o ódio, engajam mais nas redes sociais do que a inclusão e a benevolência.

O semiótico Zilberberg (2011), fundador da Semiótica Tensiva, como mencionamos anteriormente, concebe o espaço tensivo a partir do cruzamento entre o eixo da intensidade, regido pelo sensível e pela emoção, e da extensidade, regido pelo inteligível e pela razão. Os discursos da extrema direita têm abordado o preconceito e a intolerância com ódio, de forma intensa. O desafio dos analistas e dos produtores de discurso é tornar a benevolência mais intensa que a malevolência.

1.3 Desinformação

Uma terceira estratégia discursivo-argumentativa verificada nos discursos de extrema direita é a desinformação que, por seu caráter muitas vezes encantador, tem conquistado a adesão de muitos eleitores. Apresentaremos aqui três formas distintas desse fenômeno: as teorias conspiratórias, o revisionismo histórico e as *fake news*.

Magia, transe, fantasia e afins são os termos usados por Paolo Demuru, em seu livro *Políticas do encanto* (2024), para descrever os estados de alma suscitados pelos discursos da extrema direita, nos quais as emoções desempenham papel determinante. O semiótico parte de um paradoxo da nossa era: a oscilação entre

choque de realidade e choque de fantasia. De um lado, o contexto pandêmico, que nos obrigou a encarar crises sanitária, econômica e social, além das mudanças climáticas e guerras. Do outro, o crescimento exponencial de discursos negacionistas, construindo narrativas fantásticas, fábulas conspiratórias sobre a “verdadeira realidade”, respostas fáceis e encantadoras para fazer frente à crise do capitalismo no Ocidente. Acrescentem-se a essa conjuntura as novas mídias sociais e temos o populismo conspiratório de extrema direita, uma conexão entre os discursos populistas de extrema direita e as teorias conspiratórias.

Longe de qualquer pragmatismo político, esses discursos apostam na “experiência do maravilhoso em um mundo onde a maravilha está em falta” (Demuru, 2024, p. 40). Para Demuru (2024), esse encanto decorre de algumas dimensões próprias desses discursos: 1) surge do espanto diante de algo perturbador, de modo que, quanto mais perturbador, mais fascinante (ex.: males infligidos por forças ocultas); 2) surge do prazer da descoberta do horror e das suas origens; e 3) surge diante da possibilidade de um mundo melhor prometido. Todas essas dimensões, como podemos ver, correspondem à ordem da intensidade, cujas emoções estão sempre à flor da pele.

Para atingir tal ponto, esses discursos lançam mão de elementos retóricos das teorias conspiratórias com o intuito de mobilizar e encantar os seus seguidores (Demuru, 2024; Fiorin, 2024), a exemplo dos seguidores do QAnon³, nos Estados Unidos, ou dos propagadores das teorias conspiratórias do comunismo e do “kit gay”, aqui, no Brasil. Um dos pilares das teorias conspiratórias é o argumento segundo o qual “nada é o que parece”, instigando a uma eterna busca pela verdade, ao mesmo tempo que constrói a narrativa conspiratória a partir da suposta existência de um segredo (Eco, 2015). A descoberta do segredo, ou da verdade, produz deslumbre e prazer.

Quando falamos sobre verdade, semioticamente, falamos a partir do contrato de veridicção e das relações modais entre o parecer e o ser que estabelecem os discursos como verdadeiros (que parecem e são), falsos (que não parecem e não são), mentirosos (que parecem, mas não são) ou secretos (que não parecem, mas são) (Greimas; Courtés, 2016). Trata-se, portanto, de manipulação discursiva, em que

³ Teoria conspiratória segundo a qual o presidente estadunidense Donald Trump está em guerra contra os pedófilos adoradores de satanás do alto escalão do governo americano, do mundo empresarial e da imprensa. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/01/07/qanon-o-que-e-e-de-onde-veio-o-grupo-que-participou-da-invasao-ao-congresso-dos-eua.ghtml>. Acesso em: 24 ago. 2025.

a verdade é um efeito de sentido, cuja produção se baseia no fazer-parecer-verdadeiro. “Esse parecer não visa mais, como no caso da verossimilhança, à adequação ao referente, mas à adequação da parte do destinatário a quem se dirige, e por quem procura ser lido como verdadeiro” (Greimas, 2014, p. 122).

Nesse quadro, cabe ao enunciador propor um contrato veridictório e usar estratégias argumentativas com o objetivo de levar o enunciatário a interpretar o que é proposto como verdade ou não; quanto ao enunciatário, cabe a ele interpretar o que é proposto pelo enunciador de acordo com seus conhecimentos, crenças e emoções. A busca da adesão do enunciatário ao que é proposto pelo enunciador passa pelos modos de manifestação do enunciador no discurso. Isso pode ocorrer por meio da camuflagem objetivante ou subjetivante (Barros *et al*, 2025). A camuflagem objetivante procura apagar as marcas da enunciação, de modo a parecer “puro enunciado das relações necessárias entre as coisas” (Greimas, 2014, p. 123), conferindo impessoalidade e objetividade ao discurso. Exemplo: “a terra é redonda”. Contrariamente à primeira, a camuflagem subjetivante possui as marcas da pessoalidade, do “eu fiador da verdade”. Exemplo: “eu escrevo isto”.

Nessa direção, embora fantasiosos, os discursos do populismo conspiratório da extrema direita possuem alguma coerência, sobretudo para os que se sentem parte das narrativas, tendo em vista o contrato veridictório estabelecido entre os destinadores/enunciadores e os destinatários/enunciatários, isto é, entre os líderes populistas da extrema direita e os seus seguidores.

Observemos, agora, trechos da entrevista do deputado federal Eduardo Bolsonaro, filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, concedida ao portal de notícias BBC News Brasil, no dia 13/8/2025, em que fala da suposta ditadura vivenciada atualmente no Brasil:

8) BBC News Brasil – Deputado, o senhor diz que o Brasil hoje vive uma espécie de ditadura...

Eduardo Bolsonaro – Só para ratificar, eu digo que o Brasil hoje vive uma ditadura, não uma espécie de ditadura. Quero ser mais enfático.

BBC News Brasil – O senhor afirma que o Brasil hoje vive uma ditadura, mas o Congresso Nacional continua aberto, continua funcionando, com votações que continuam ocorrendo. Em 2024, houve eleições municipais aqui no Brasil, a direita venceu em mais de 2,7 mil cidades. Em 2022, o seu partido elegeu a maior bancada da história. Inclusive o senhor foi reeleito com uma votação expressiva. Que ditadura é essa que o senhor descreve?

Eduardo Bolsonaro – É a ditadura que matou o Clezão, que coloca o deputado federal mais votado da história [o próprio Eduardo Bolsonaro] em exílio nos Estados Unidos e me acusa por crimes fantasiosos que podem me levar a 20 anos de cadeia se retornar ao Brasil. [...] É a ditadura que não permite o líder das pesquisas concorrer nas eleições do ano que vem e que corre, à luz do dia, acelerando o máximo possível o processo [criminal contra Jair Bolsonaro], inclusive violando a ampla defesa. Essa é a ditadura que o Brasil vive. Se o Congresso Nacional estivesse livre, poderia perfeitamente ter iniciado o processo de impeachment de Alexandre de Moraes ou ter iniciado o processo de votação da anistia. Por que isso não acontece? Moraes mandou a Polícia Federal na casa do pai do Hugo Motta, presidente da Câmara. Depois, chamou o Hugo Motta para conversar num jantar e, depois de jantar, Hugo Motta mudou totalmente o seu discurso. Quem antes era a favor da anistia, pelo menos para levar a votação, depois passou a ser contra a anistia. Me surpreende as pessoas não enxergarem isso daí como sendo uma ditadura (BBC News Brasil, 13/8/2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c987e8znyg9o>. Acesso em: 24 ago. 2025).

A extrema direita brasileira, desde que o seu líder Jair Bolsonaro se tornou réu pela tentativa de golpe de Estado, durante e depois das eleições de 2022, vem produzindo a narrativa da ditadura do Poder Judiciário, pondo em xeque as ações do Supremo Tribunal Federal em relação ao processo que trata da tentativa do golpe. Em geral, os ataques concentram-se na figura do ministro relator Alexandre de Moraes, que seria aliado da esquerda comunista do Brasil e oponente dos “cidadãos de bem”.

Ao dizer “eu digo que o Brasil hoje vive uma ditadura”, o deputado se põe na posição de fiador de uma verdade, a qual traz a lume e a enfatiza em face da fala hesitante do entrevistador. Logo, faz uso da camuflagem subjetivante. Mesmo o entrevistador tendo, em seguida, confrontado a sua afirmação com alguns dados como, por exemplo, o funcionamento do Congresso Nacional e as vitórias expressivas da extrema direita no último pleito, o deputado permanece irremovível. Isso ocorre porque o discurso em primeira pessoa dá lugar a um regime de crença que depende da posição específica tomada pelo enunciador (Barros *et al*, 2025), no caso, pelo deputado, em relação àquilo que é informado (“eu digo que o Brasil hoje vive uma ditadura” equivale a dizer: “eu sei do que eu estou dizendo”, “eu garanto isso”), daí decorre a identificação do enunciatário, isto é, dos bolsonaristas.

A fim de comprovar a sua afirmação, o deputado faz uso de uma estrutura argumentativa que chega a conclusões generalizantes a partir de casos particulares (Fiorin, 2022). Assim, trazendo argumentos como a morte do “Clezaão”, do seu

suposto exílio e da perseguição a seu pai, Jair Bolsonaro, o deputado chega a uma conclusão geral sobre a situação do país: há hoje uma ditadura no Brasil. A respeito do “Cleão”, importa dizer que se trata de Cleriston Pereira da Cunha, preso pelo envolvimento no 8 de janeiro, cuja morte se deu devido a um mal súbito em uma penitenciária de Brasília. A família argumenta que ele teria sido submetido a maus-tratos durante a sua detenção. Afirmar que a “ditadura” hoje em curso no Brasil (entenda-se ditadura do STF, do ministro Alexandre de Moraes) matou o “Cleão” alimenta a narrativa bolsonarista segundo a qual os “manifestantes” do 8 de janeiro são vítimas do desejo de vingança do ministro Alexandre de Moraes. Cria-se, desse modo, uma teoria conspiratória em torno da figura do “Cleão”, colocando-o na posição de mártir da perseguição do ministro.

Ademais, o deputado questiona a inação do Congresso Nacional diante das propostas de *impeachment* do ministro Alexandre de Moraes e da anistia que beneficiaria os envolvidos na tentativa do golpe, especificamente Jair Bolsonaro, ao que ele mesmo responde com algumas insinuações acerca do comportamento do presidente da Câmara: “Moraes mandou a Polícia Federal na casa do pai do Hugo Motta, presidente da Câmara. Depois, chamou o Hugo Motta para conversar num jantar”. E complementa: “depois de jantar, Hugo Motta mudou totalmente o seu discurso. Quem antes era a favor da anistia, pelo menos para levar à votação, depois passou a ser contra a anistia”.

A camuflagem subjetivante também pode sugerir um plano anagógico, algo a ser decifrado (Greimas, 2014). Algo obscuro, inacessível, secreto (não parece verdadeiro, mas é) está sendo dito por ele. Ao modo do “tirem suas próprias conclusões”, as afirmações do deputado são lançadas ao horizonte interpretativo dos destinatários, aos quais cabe preencher essas insinuações com base em seus conhecimentos, crenças e emoções. Haja vista o seu público, os adeptos do bolsonarismo, o fazer interpretativo tende a uma relação de causa e efeito.

Outra característica fundamental dos discursos conspiratórios da extrema direita é o uso de uma linguagem ambígua e paradoxal (Demuru, 2024), um jogo de velar e revelar. A verdade tem de ser mantida, em algum grau, um mistério, deixando aos enunciatários a tarefa da descoberta, gerando satisfação e reanimando a autoestima. As dúvidas lançadas servem para inflar as suspeitas em torno “das manobras ocultas das elites e alimentar a busca, fascinante e psicologicamente satisfatória, dos fatos ‘reais’ atrás das ‘aparências’” (Demuru, 2024, p. 33). O

deputado é aquele que traz à luz essa verdade escondida pelas aparências. Conforme suas palavras: “Me surpreende as pessoas não enxergarem isso daí como sendo uma ditadura”.

Conforme Demuru (2024, p. 31), a verdade é uma noção bastante elástica nos discursos do populismo conspiratório de extrema direita. A partir dessa visão vaga sobre a verdade, constroem-se os revisionismos históricos e as *fake news*. Na visão do conspirador de extrema direita, em que pese a verdade seja apresentada como um valor supremo, ela é um “caleidoscópio de possibilidades narrativas”, nada é dado, tudo pode significar tudo, tudo pode ser mudado. Não escapam dessa volatilidade nem mesmo as palavras pronunciadas no dia anterior por seus líderes, os quais podem desmenti-las posteriormente, a exemplo de Bolsonaro (seria ele evangélico ou católico? Palmeirense ou flamenguista? Chamou ou não chamou a covid-19 de “gripezinha?”).

Dentre as operações enunciativas utilizadas pela extrema direita brasileira visando à construção dos seus discursos, segundo Fiorin (2024), a eufemização é fundamental quando esses discursos tratam de revisionismos históricos. Por exemplo, tratar do golpe de 1964 como “movimento de 1964”. No caso da entrevista em tela, o deputado Eduardo Bolsonaro afirma que as tratativas dele com o presidente estadunidense, em torno da imposição de tarifas sobre o Brasil com o objetivo de o congresso brasileiro agilizar a anistia ao seu pai, correspondem apenas à tentativa de ajudar quem é vítima da ditadura do judiciário brasileiro. O seu pai, sob esse argumento, seria uma “vítima”, dentre tantas, não o articulador ou o chefe da tentativa de golpe de Estado:

9) BBC News Brasil – O senhor menciona o fato de que o senhor não gostaria que o Brasil fosse tomado como refém. Mas quando a maior potência do mundo ameaça tarifas sobre o Brasil, caso o Brasil não dê anistia ao seu pai, por exemplo, isso não é também colocar o Brasil como refém?

Eduardo Bolsonaro – Na verdade, o meu pai é só uma *das vítimas* no meio disso tudo. O nosso trabalho quando falamos de anistia vai muito além dele. Eu faço só pontuação para deixar claro que não é uma questão pessoal o que me move aqui (BBC News Brasil, 13/8/2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c987e8znyg9o>. Acesso em: 24 ago. 2025, grifo nosso).

O passado, sob o ponto de vista dos discursos conspiratórios da extrema direita, pode ser reescrito quantas vezes forem necessárias para atender às

demandas do momento. Isso se dá porque a relação estabelecida entre os líderes de extrema direita e os seus seguidores está fortemente baseada na crença de que nada é o que parece, nada é por acaso e tudo está conectado (Butter, 2020 *apud* Demuru, 2024). Discursos mentirosos, ou *fake news*, como “os professores exibem filmes pornográficos nas escolas”⁴, proferido pelo deputado federal Nikolas Ferreira, e “o Banco do Brasil será cortado das relações internacionais, o que o levará à falência”⁵, disseminado pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro, por mais absurdos que possam parecer, estão ancorados nas crenças, nos valores dos seus destinatários (os bolsonaristas), os quais, a partir de toda uma construção narrativa conspiratória, os interpretam como verdadeiros. “É o chamado viés de confirmação, tendência de as pessoas acreditarem nas informações que apoiam suas visões e valores, e desconsiderarem as que dizem o contrário” (Barros, 2020, p. 28).

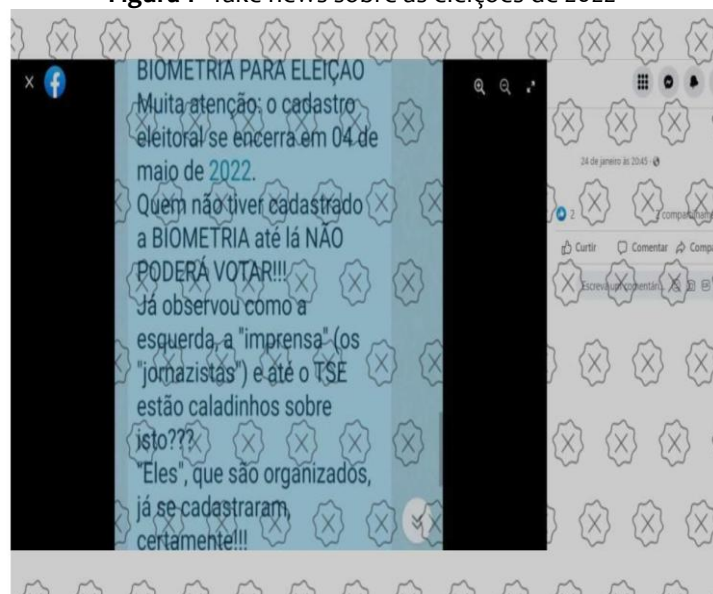
Diante da enxurrada de *fake news* surgidas com a pandemia e alimentadas pelo discurso da extrema direita, Barros (2020, 2024) se debruça sobre essas notícias, verificando que são, em sua maioria, preconceituosas. A respeito da estrutura textual e discursiva das *fake news*, a semioticista afirma que elas são constituídas por meio das seguintes anomalias: a) vícios de argumentação, como o da conclusão impossível ou o da generalização indevida; b) ruptura e mudança semântica incoerente (fuga do tema); c) transformação, inusitada, de tempos lineares em concomitantes, de espaços distantes em mesmos lugares e de atores diferentes em idênticos, por meio da programação textual; d) contradição entre a organização semântica do verbal e do visual; e) imposição de leitura a partir da legenda escrita ou em áudio e f) uso de procedimentos inadequados ao gênero, tipo de texto e destinatário a que se dirige.

Observemos a Figura 1:

⁴ Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/video-nikolas-recorre-a-fake-news-sobre-professores-para-criticar-pl-da-adultizacao/>. Acesso em: 24 ago. 2025.

⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2025/08/24/bb-denuncia-video-de-eduardo-bolsonaro-por-fake-news-e-pede-acao-da-agu-contra-corrida-bancaria.htm>. Acesso em: 24 ago. 2025.

Figura 1 - fake news sobre as eleições de 2022



Fonte: Agência de checagem de informações “Aos Fatos”, em 27 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-eleitor-sem-cadastro-biometrico-nao-podera-votar-neste-ano/>. Acesso em 06 set. 2025.

A imagem acima foi retirada de um texto sobre desinformação publicado no site da agência de checagem “Aos Fatos”, em 27 de janeiro de 2022 (Queiroz, 2024, p. 73-79). Nos dois primeiros parágrafos da mensagem de desinformação em tela, apesar da caixa alta e das exclamações, podemos pensar tratar-se de um texto predominantemente informativo. Entretanto, nos dois últimos parágrafos, há uma brusca mudança de tema e de estilo, gerando, portanto, o que Barros chama de anomalias. Passa-se, então, a uma acusação aos adversários políticos (“jornalistas”, esquerda, “imprensa”) de estarem tentando enganar o eleitorado bolsonarista (“estão caladinhos sobre isto”; “eles’, que são organizados, certamente já se cadastraram, certamente!!!”). As anomalias geram alto teor emocional, pois, como estamos vendo ao longo do trabalho, o que provoca estranhamento ou parece absurdo cria um ambiente conspiratório, conquistando grande adesão entre aqueles que se identificam com os argumentos apresentados.

Ao falar de desinformação e, sobretudo, de *fake news*, Barros (2020, 2024) propõe formas de identificar esses discursos através de relações interdiscursivas. Assim, para a semioticista, é necessário confrontar tais textos de desinformação com: a) discursos de especialistas da mesma área temática; b) textos explicitamente citados no documento desinformativo; c) textos da e sobre a pessoa mencionada na notícia; d) outros textos do enunciador ou narrador da desinformação; e) textos

assinados que se contrapõem ao texto de desinformação (geralmente anônima) e f) o mesmo texto, mas em outro contexto temporal ou espacial (combater a estratégia da descontextualização).

Até aqui, esperamos ter trazido contribuições para a identificação de estratégias discursivas amplamente usadas nos discursos da extrema direita, como a sacralização da política, o preconceito, a intolerância e a desinformação. Entretanto, consideramos necessário ir mais além. É o que tentaremos fazer nas próximas linhas.

2 À guisa de conclusão: como enfrentar a sacralização da política, a intolerância e a desinformação?

Como argumentamos na introdução, muitos discursos que se valem das estratégias estudadas ao longo deste artigo ameaçam o funcionamento de governos democráticos. O desafio que se coloca, então, seria encontrarmos estratégias discursivo-argumentativas visando a reforçar a democracia.

Com relação à sacralização da política, verificamos a necessidade de desconstrução da absolutização, seja de uma entidade, seja de um líder, seja de um valor em discursos políticos, os quais devem ser fundados na lógica do um entre outros.

Um caminho semelhante surge nas propostas de Barros (2024) ao combate do preconceito e da intolerância. De acordo com a autora, o ponto de partida seria projetar as categorias contrárias na construção discursiva. Inicialmente, por meio da construção de narrativas de sanção positiva. Em seguida, enfatizando as paixões benevolentes e ampliação de sua direção para todos, não apenas para os “iguais”. Uma terceira estratégia seria a difusão de discursos de aceitação e inclusão, valorizando o multiculturalismo através da mestiçagem, da diversidade sexual, da pluralidade religiosa, do multilinguismo etc. Por último, a autora menciona considerar o “diferente”, o “outro” como o garantidor de relações sociais saudáveis, novas e promissoras.

Ambos os percursos se baseiam, semioticamente, na passagem do regime da triagem à mistura, da seleção à inclusão, dos valores de absoluto aos valores de universo. O discurso da mistura rompe a lógica do foco, seu campo de visão deixa de ser apenas o adversário, sua ação deixa de ser apenas querer denunciá-lo, atacá-lo, desdizê-lo.

Porém, como criar impacto, intensidade, com discursos que são da ordem da extensidade, logo menos intensos? Justamente na quebra da lógica. Ao deixar de ser absoluto, o discurso se torna mais fragmentado. Assim, podem existir múltiplas questões intensas no lugar de haver um discurso extenso com múltiplas questões. O desafio, claro, consistirá em costurar essa rede, para que dela se faça um tecido.

Cruz (2008), quando analisa o ingênuo com o auxílio da teoria das modalidades (no caso o saber e o crer) propostas por Greimas, com as contribuições da Semiótica Tensiva, afirma que o ingênuo é, ao mesmo tempo, aquele que tem um saber escasso e um crer excessivo (Cruz, 2008, p. 2). Na mesma direção, Coutinho e Mancini (2020), discorrendo sobre as gradações presentes no cruzamento dos fúntivos ser e parecer, encontram o percurso “parece muito> parece pouco> quase parece> não parece nada” como gradação do parecer (Coutinho, Mancini, 2020, p. 26). Esses trabalhos nos autorizam a projetar uma variação de intensidade de crença entre aquele que crê totalmente/cegamente (fanático), aquele que crê um pouco (adepto), aquele que quase crê (cético) e aquele que não crê de jeito nenhum (descrente). Esses quatro graus podem ser subdivididos em vários outros.

A polarização política leva à interação pelos extremos, um diálogo entre fanáticos. Uma forma de construção de estratégias de comunicação mais democrática seria ocupar o espectro entre o cético e o fanático, procurando desconstruir os estereótipos e valorizar mais as subjetivações, as múltiplas intensidades de crença presentes nesse intervalo, procurando compreender a infinidade de motivos que leva a cada grau de crença.

Demuru (2024) sugere uma dose de abandono do “suprematismo da razão”, da confiança excessiva na lógica, no embate entre raciocínio correto e raciocínio falacioso, entre ciência e ignorância como o meio eficaz de debate. A adoção de uma verdade baseada na crença absoluta na razão e na “superioridade moral” pode se aproximar de um valor de absoluto, levando ao emprego de práticas que, no fundo, não correspondem ao funcionamento democrático. Conforme o autor, as práticas de combate aos discursos conspiratórios baseadas, exclusivamente, em argumentações lógicas, sem levar em conta o aspecto sensível das interações, estão fadadas ao fracasso. A leveza e o rir de si são boas estratégias para a conquista de adesão.

Assim como a extrema direita soube sensibilizar as pessoas inventando histórias, Demuru (2024) propõe sensibilizar as pessoas a partir de outras narrativas, apontando outros caminhos. Não se nega a importância do desmonte das

informações falsas por meio do raciocínio lógico, todavia se espera que vá além dele, ensinando a reconhecer as estratégias por trás das mentiras, dos discursos conspiratórios, de ódio, ao mesmo tempo que se apontem alternativas a eles, mudando de assunto.

Referências

Apocalipse nos trópicos. Direção: Petra Costa. Brasil: [s.n.], 2024. Documentário (110 min).

COUTINHO, M.; MANCINI, R. Graus de concessão: as dinâmicas do inesperado. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v.16, n. 2, p. 13-34, 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/esse/article/view/172392>. Acesso em 06 set. 2025.

CRUZ, D. F. da. Algumas considerações sobre o crer e o saber. **Estudos Semióticos**, São Paulo, n. 4, p. 1-9, 2008. Disponível em: <https://revistas.usp.br/esse/article/view/49200>. Acesso em: 06 set. 2025.

CRUZ, S.; KAYSEL, A.; KODAS, G. (orgs.). **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

BARROS, D. L. P. de et al. **A construção da verdade.** São Paulo: Contexto, 2025.

BARROS, D. L.P. de. Discursos intolerantes e de desinformação: questões semióticas. In: MANCINI, R.; BEIVIDAS, W.; LOPES, I.C. **Semiótica:** horizontes, perspectivas, debates. Campinas: Pontes, 2024. p. 20-51.

BARROS, D. L. P. de. As *fake news* e as “anomalias”. **Verbum**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 26-41, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/50523>. Acesso em: 24 ago. 2025.

BARROS, D. L. P. de. Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola. **Estudos Semióticos**, v. 15, n. 2. São Paulo, USP, 2019. p. 1-14. Disponível em: https://revistas.usp.br/esse/pt_BR/article/view/165195. Acesso em: 24 ago. 2025.

BARROS, D. L. P. de. Política e intolerância. In: FULANETI, O. N.; BUENO, A. M. (orgs.). **Linguagem e política:** princípios teórico-discursivos. São Paulo: Contexto, 2013. p. 71-92.

DEMURU, P. **Políticas do encanto:** extrema direita e fantasias de conspiração. São Paulo: Elefante, 2024.

ECO, U. **Os limites da interpretação.** Tradução de P. de Carvalho. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FIORIN, J.L. A sacralização da política. In: FULANETI, O.N; BUENO, A.M. (orgs.). **Linguagem e política:** princípios teórico-discursivos. São Paulo: Contexto, 2013. p. 21-38.

FIORIN, J. L. **Argumentação.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

FIORIN, J.L. A organização semântica do discurso da extrema direita. In: MANCINI, R.; BEIVIDAS, W.; LOPES, I.C. **Semiótica: horizontes, perspectivas, debates**. Campinas: Pontes, 2024. p. 52-89.

GREIMAS, A. J. De la colère. **Étude de sémantique lexicale**. Documents de recherche du Groupe de Recherches Sémio-linguistiques (EHESS-CNRS), n. 27, 1981.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**. Tradução de D. F. da Cruz. São Paulo: NankIn: Edusp, 2014.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução de A. D. Lima et al. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LANDOWSKI, E. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

LANDOWSKI, E. Crítica semiótica do populismo. **Galáxia**, São Paulo, n. 44, 2020. p. 16-28.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MAINGUENEAU, D. **Gêneses dos discursos**. Curitiba: Criar, 2005.

QUEIROZ, T.F.O. **“Ou fazemos eleições limpas no brasil ou não temos eleições”**: uma investigação sobre a desinformação acerca do processo eleitoral brasileiro na perspectiva da análise dialógica do discurso. Dissertação. Mestrado em Linguística. Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal da Paraíba, 2024.

SILVA, L. R. L.; SAMPAIO, R. C.; BOTELHO-FRANCISCO, R. E. Discurso de ódio nas redes sociais digitais: tipos e formas de intolerância na página oficial de Jair Bolsonaro no Facebook. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 46, p. 1-26, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/51831>. Acesso em: 03 set. 2025.

TRINDADE, L. V. **Discurso de ódio nas redes sociais**. São Paulo: Jandaíra, 2022.

ZILBERBERG, C. **Elemento de semiótica tensiva**. Tradução de I. C. Lopes, L. Tatit e W. Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

ZILBERBERG, C. As condições semióticas da mestiçagem. In: CAÑIZAL, E. P.; CAETANO, K. E. (orgs.). **O olhar à deriva: mídia, significação e cultura**. Tradução de I. C. Lopes e L. Tatit. São Paulo: Annablume, 2004. p. 69-101.